



ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO: as Mulheres no ensino de História

Por Juliana Kummer Perinazzo Ferreira



JULIANA KUMMER PERINAZZO FERREIRA

**ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO:
AS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Catalão
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

FERREIRA, Juliana Kummer Perinazzo
ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO: [manuscrito] : as mulheres no ensino de história. / Juliana Kummer Perinazzo FERREIRA. - 2016. CXXXVII, 137 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Lilian Marta GRISOLIO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2016. Bibliografia. Apêndice.

1. Material didático. . 2. Ensino de História. . 3. História das Mulheres. . I. GRISOLIO, Lilian Marta, orient. II. Título.

CDU 94



Desenho produzido pelo aluno Marcos Reis, do Ceja- Centro de Educação de Jovens e Adultos Filostro Machado Carneiro, Caldas Novas- Go.

Dedicatória

Às mulheres que, com sua bravura, ao longo da História, me inspiraram.

Às pessoas sem as quais não estaria aqui, sendo elas:

Às mulheres de minha vida...

Minhas avós Ana(*in memorian*) e Doralice; à minha mãe Maria Zuleika; às minhas irmãs Daniela e Vanessa e à minha filha Júlia Vitória.

Aos homens da minha vida...

Meus avôs Armindo e Abelli(*in memorian*); ao meu pai Marino; ao meu irmão Felipe; ao meu esposo Jorcelino e ao meu filho João Vitor.

E a você, Lilian, por ser uma grande desafiadora.

*A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens,
mas novos olhares.*

(Marcel Proust)

Sumário

Às professoras e professores.....	08	Para refletir	
Apresentação.....	10	Vamos trabalhar?	
I. As mulheres na Renascença.....	15	Tá ligado?	
Para refletir		Em cena!	
Vamos trabalhar?		Mãos à obra!	
Tá ligado?		Referências bibliográficas	
Mãos à obra!		IV. Mulheres goianas: Santa Dica e Cora Coralina.....	76
Referências bibliográficas		Para refletir	
II. As mulheres na Revolução Francesa.....	34	Vamos trabalhar?	
Para refletir		Em cena!	
Vamos trabalhar?		Mãos à obra!	
Tá ligado?		Referências bibliográficas	
Em cena!		Links das imagens.....	94
Mãos à obra!		Apêndice.....	96
Referências bibliográficas			
III. A atuação das mulheres na ditadura civil-militar brasileira.....	57		



O homem a mulher e o guarda chuva

Gustave Caillebotte (1848 - 1894), óleo sobre tela,
3,2m X 4,6 m.

Às professoras e professores

Caríssimas/os colegas!

Sabemos das dificuldades enfrentadas todos os dias por nós professoras/es, a *correria*, a quantidade de papéis e relatórios que temos que preencher, além de avaliações e trabalhos a serem elaborados e corrigidos, sem falar nas salas superlotadas, na falta de material didático - pedagógico, dentre outros fatores. E, pensando nisso, nessas dificuldades do nosso dia-a-dia, é que surgiu essa proposta desenvolvida no Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, e que, agora, apresentamos a vocês.

O presente Caderno Temático, como já dito, surge como uma proposta para auxiliar as/os professoras/es na elaboração de aulas

sobre uma temática não trabalhada nas salas de aula: a temática das Mulheres na História. Mas por que isso ocorre? Por que as mulheres foram silenciadas, porque não se ensina nas escolas aquilo que foi produzido por elas? Percebemos que a História foi escrita sob a valorização do masculino, e, ainda permanece essa visão de exclusão e silenciamento do feminino na História. Com isso, ao produzir um material como esse, esperamos contribuir de forma significativa no enfrentamento desse silenciamento.

Não queremos, com isso, “engessar” o trabalho de vocês. Aliás, a proposta, aqui, é de contribuir para a realização de aulas diversificadas, novas experiências e recursos. Diante de tantas dificuldades que vive o Magistério e a Educação na atualidade, propor inovações e ferramentas auxiliares é uma

necessidade prática e real. Podemos sim deixar o livro didático um pouco de lado, pois, apesar de importante, ele é, por vezes, limitador. A proposta, aqui, é reunir num único material de fácil consulta e diversidade de propostas, sugestões que poderão ser usadas em sala de aula.

Um material pedagógico prático e que seja utilizado para enriquecer as aulas, motivar debates e instigar novas ideias. Pretendemos que esse possa suscitar outras e inovadoras propostas, inclusive de outras temáticas. O que buscamos é auxiliar na construção de novas práticas pedagógicas e na mudança significativa da postura das/os professoras/es com relação ao processo ensino-aprendizagem.

Enfim, pretendemos inspirar nossas/os colegas para que planejem aulas mais criativas, e que, a partir delas, possamos

auxiliar na formação de cidadãos críticos, atuantes e conscientes!

Bom trabalho e vamos à luta!

Apresentação

A pintura de abertura deste trabalho é intitulada *O homem a mulher e o guarda-chuva*, de Gustave Caillebotte (1848 – 1894). Na obra, o artista representou a silhueta feminina, mas não a sua fisionomia. Como se, por mais que a mulher estivesse ali, ela, simplesmente, não existisse, e a sua presença é percebida apenas como uma sombra ao lado do *seu* homem.

A presente imagem foi escolhida, pois, ela representa algumas das questões que este material discute, buscando criar novas formas de tratar o tema nas aulas de História.

Mas, que questões são essas?

O presente Caderno Temático *Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História* surgiu de um desafio proposto enquanto cursávamos o programa de Mestrado Profissional em História. Estudar a ausência das mulheres na História, o seu silenciamento, trouxe-nos a oportunidade de pensar como podemos atuar em sala de aula desenvolvendo materiais e novos olhares para esses problemas que se repetem na educação.

A confecção deste material tem por objetivo auxiliar professoras/es na elaboração de aulas com a temática proposta, visto que nossa pesquisa demonstrou que a historiografia negou às mulheres, por muito tempo, o seu papel de também protagonistas da História.

Não queremos, com isso, “criar” uma História só de mulheres, longe disso! Entendemos que a busca por uma sociedade justa e igualitária, sem a marginalização de nenhum grupo social, deve ser a luta constante das/os professoras/res.

A elaboração deste material foi um grande desafio, porém realizado com muito empenho e determinação. O objetivo perseguido era criar algo que representasse todos os debates, leituras e ideias surgidas ao longo do Mestrado, e que isso fosse representando num material prático, útil e de fácil utilização. A nossa busca começou a partir da História das Mulheres e tudo que estivesse ligado à produção feminina. A atuação das mulheres e seus feitos em nossa sociedade: desde a pintura de quadros, textos, música, política, ciência, participação de movimentos sociais, - inclusive, aquelas que pegaram em armas para defender seus ideais e convicções, entre tantas outras atuações. Era possível criar uma coleção de Cadernos Temáticos só sobre os feitos femininos. Estabelecemos alguns critérios para seleção, sendo os dois mais essenciais: que as temáticas fossem por conteúdo de cada série no Ensino Médio, para se ter maior abrangência, e que fossem conteúdos que, notadamente, as mulheres estão mais ausentes, isso feito, através de pesquisas, em diversos livros didáticos. O desafio, portanto, foi selecionar, recortar e elaborar um único material. Com muito trabalho e persistência, chegamos ao material que ora apresentamos, com uma gama de propostas e atividades para serem aplicadas em sala de aula.

O trabalho foi árduo. Quando decidimos pela elaboração deste material, para uso do professor, partimos, imediatamente, para a seleção dos temas e decidimos que, para abranger um

maior número de professoras/es, faríamos um tema para cada série do Ensino Médio. As questões surgiram da nossa própria vivência como professora da rede municipal e estadual em Goiás, das conversas com outra/os professoras/es de História e das mais diversas indagações realizadas por alunas/os que sempre percebiam as incongruências e lacunas da História contada. Assim, começamos a questionar não apenas o porquê das mulheres não aparecerem nos livros didáticos, mas também por que, quando aparecem, são coadjuvantes (ou subalternas) ou pertencem à realeza? Como já dito, a História foi vista e escrita sob uma visão masculina, o que acarretou no silenciamento feminino e na permanência dessa exclusão. Assim, partimos para a pesquisa em busca das atuações femininas em nossa História. A preocupação foi dar ênfase àquelas mulheres que, de alguma forma, já têm alguma evidência e pesquisa realizadas, entretanto, mesmo assim, acabam não entrando no conteúdo da disciplina.

O objetivo, com isso, era o de fazer uma *ponte* entre as pesquisas realizadas na academia, transformando-as em saber *ensinável* nas salas de aula. Acreditamos, com segurança, que é possível criar uma cultura de valorização e respeito ao feminino, fazendo outra leitura da História e de ressignificação do lugar social das mulheres. Dessa forma, levamos, aqui, a sério um dos inúmeros ensinamentos do educador Paulo Freire: “Nenhuma nação se afirma fora dessa louca paixão pelo conhecimento, sem que se aventure, plena de emoção, na reinvenção constante de si mesma, sem que se arrisque criadoramente”. (FREIRE, 2003, p. 53)

Criar e recriar novas formas de apropriação do saber e práticas pedagógicas é um dos elementos constantes neste material. Proposta essa também defendida pelo Mestrado Profissional em História. Com isso, fizemos um processo de coleta de dados e seleção dos materiais. Partimos de documentação histórica usada como fonte, assim como de uma bibliografia específica. Adaptar esse *conhecimento acadêmico* em *conhecimento escolar* nos custou horas de reflexão e aprofundamento teórico. Com todas essas questões rapidamente esboçadas, definimos os nossos objetivos, definimos os temas e elaboramos o Caderno Temático.

Como é o material e como usar?

Seguindo a proposta apresentada, a divisão temática foi feita por série do Ensino Médio e um item geral (para qualquer série):

1. **1ª SÉRIE** - As Mulheres na Renascença;
2. **2ª SÉRIE** - As Mulheres na Revolução Francesa;
3. **3ª SÉRIE** - A Atuação das Mulheres na Ditadura Civil-Militar no Brasil;
4. **História Regional** - Mulheres Goianas: Santa Dica e Cora Coralina

O Caderno Temático está dividido em unidades, sendo que cada uma será composta por atividades e propostas diferenciadas. Para facilitar a sua utilização, dividimos nos seguintes itens:

1. **PARA REFLETIR** - Uma contextualização breve do período e de como as mulheres eram vistas na época.
2. **VAMOS TRABALHAR?** - Sugestões de atividades e propostas a serem desenvolvidas em sala-de-aula. Procuramos utilizar materiais variados, entre eles, imagens, fotografias, textos, filmes e documentários.
3. **PRODUTO FINAL** – Para finalizar sugerimos uma atividade, em que as/os estudantes possam ser parte ativa do aprendizado e produzir uma atividade diversificada usando a sua criatividade;

O material pode (e deve) ser usado de muitas maneiras e de diferentes formas, inclusive o professor pode escolher o que utilizar. Não existe uma regra. A proposta é pensar como um material que propõe a ênfase feminina na História pode auxiliar nos debates em sala de aula e em uma mudança na História ensinada, sob a perspectiva da História das Mulheres. Acreditamos e defendemos a autonomia docente para preparar suas aulas, fazendo uso da diversidade de recursos didáticos existentes.

Esperamos contribuir de forma significativa para que as/os professoras/es possam realizar o trabalho docente com comprometimento e seriedade, bem como as/os estudantes se compreendam agentes transformadoras/es da História. E por fim, esperamos contribuir com a ressignificação do espaço das mulheres na educação e no ensino de História, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

I. AS MULHERES NA RENASCENÇA



As Fiandeiras ou a Fábula de Aracne (1657)

Diego Velázquez (1599 - 1660). Óleo sobre tela: 222,5
cm X 293 cm. Museu do Prado - Madri

1. Para Refletir

*"O conhecimento não corrompe os
bons costumes."*

Cristina de Pisán (1364 - 1430/1)

Em vários momentos da História, como, na Renascença, as mulheres foram perseguidas e inferiorizadas. Porém isso não imobilizou as mulheres da época. As mulheres, desse período, – como em todos os outros - foram ativas. A submissão em que foram colocadas não fez com que elas se tornassem ausentes, ao contrário, elas tiveram atitude e mostraram sua importância, mesmo perante as circunstâncias em que viviam.

A obra de Diego Velázquez, que abre esta unidade, retrata bem a participação feminina na economia doméstica. O pintor pertence ao movimento artístico Barroco e essa tela é expressiva ao retratar um ofício feminino: as mulheres fiandeiras. Sabemos que a pintura retrata um dos mitos gregos, o de Aracne, a tecelã orgulhosa, castigada pela deusa Atena, que a transformou em uma aranha. Com maestria o pintor usou sua tela para representar o trabalho feminino.

Não só as fiandeiras, mas também, todas as mulheres que desenvolviam diversos trabalhos na sociedade tiveram uma participação ativa na economia doméstica. Eram elas que ajudavam a manter a casa. Contribuíam com o orçamento familiar, com a atividade têxtil e também no campo.

O trabalho feminino teve grande importância, principalmente, nas cidades entre as mulheres pobres, uma vez que elas trabalhavam para ajudar os pais, os maridos, ou, quando viúvas, para sobreviver. Muitas chegavam a substituir seus maridos na administração de suas posses. Elas trabalharam em diversas áreas da economia, chegando a praticar, inclusive, a medicina.

Em *O homem medieval*, Jacques Le Goff afirma que: “As mulheres camponesas fiavam e teciam a lã, para satisfazer as necessidades da família e, em certas regiões mais marcadas pela economia mercantil, para os comerciantes de lã das cidades” (LE GOFF, 1989, p. 87).

Já aquelas, que tiveram acesso a uma educação formal, puderam expressar suas ideias, escrevendo textos, contos e poemas para outras mulheres e, até mesmo, para os

homens. Cada qual desempenhou um importante papel para a história, independente do *status* que ocupava na sociedade.

Porém, não podemos nos esquecer de que o que chega até nós sobre as mulheres desse período é fruto de um pensamento monástico - cristão, e esse pensamento não reflete o *papel* desempenhado pelas mulheres nesse momento histórico.

Segundo Adalberón de Laon (947-1030), bispo e poeta francês, a sociedade medieval estava dividida em três ordens: os *oratores*- os que oram-, os *bellatores*- os que batalham- e os *laboratores* - os que laboram, ou seja, trabalham, nesse esquema em que posição ficavam as mulheres? Elas, simplesmente, não existiam. A submissão feminina era considerada como um aspecto natural, mesmo elas participando ativamente da economia.

Esse ponto de vista era corroborado por alguns dos segmentos da sociedade, principalmente, pela Igreja Católica.

As mulheres eram vistas como inferiores e sem capacidade para aprender. Essa era uma concepção **patriarcal** e própria da época, porém isso não significa que as mulheres não produziam suas próprias concepções. O grande problema é que a escrita era um privilégio de poucas.

A sociedade não defendia instrução feminina, e muitos acreditavam que as mulheres instruídas estariam mais *atentas* aos galanteios masculinos. Mesmo assim, a produção feminina ocorreu, algumas dentro e outras fora dos mosteiros.

Glossário:

Patriarcal: forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder. (COLLING, TEDESCHI, 2015, p. 515)




Dica

Professores, debatam com seus alunos essas questões, fazendo com que comparem essas informações com as condições e visões sobre as mulheres de hoje, estabelecendo as permanências e rupturas sobre o trabalho e concepções sobre o mundo feminino.

2. Vamos trabalhar?

A imagem abaixo é de uma artista do Renascimento, Sofonisba Anguissola (1532/38 – 1625). Ela é considerada uma das pintoras mais influentes e conhecidas do período. Um de seus quadros chegou a ser confundido com o de El Greco, grande pintor renascentista. A pintura é *A partida de xadrez* (1555), em que Sofonisba retratou suas irmãs e ela própria, jogando xadrez. Interessante é que esse jogo foi considerado um passatempo adequado para uma dama até o final do Renascimento e as mulheres da aristocracia medieval o jogavam. Após esse período, o jogo tornou-se mais competitivo e as mulheres ficaram, então, proibidas de participar de competições.



Para
saber
mais:

Como sugestão de leitura, indicamos o texto *A situação da mulher na Idade Média*. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historia/a-situacao-da-mulher-na-idade-media.htm>.
*Acesso em: 30 nov. 2016.

A partida de xadrez –
Sofonisba Anguissola
(1555) óleo sobre tela,
72 x 97 centímetros
(28,3 × 38,2 in) Museu
Nacional, Poznan,
Polônia. Disponível
em:

<http://2.bp.blogspot.com/-MKj3ISI7F0o/UHyck7M4I1I/AAAAAAAAABXA/JhQ6v8Dw2qY/s1600/sofonisba.jpeg>.

Acesso em: 30 nov.
2106.



Olhares atentos:

Professores, para trabalhar a imagem com seus alunos, deixamos como sugestão os seguintes questionamentos:

- A- O primeiro passo é dar os créditos da pintura para a artista, já que ela não é citada nos livros didáticos. A partir daí, direcione uma conversa sobre a pintura como, por exemplo: Já ouviram falar da artista? Por que, apesar de ser considerada uma artista da Renascença, ela não aparece nos livros didáticos de História, juntamente com os outros grandes pintores do período? Como as mulheres eram vistas nesse período?
- B- Faça uma conexão com a atualidade, verificando se esse tipo de exclusão permanece ou se existem outras formas de exclusão feminina em atividades ou trabalho na sociedade ainda hoje. (se necessário, volte do início com as discussões do texto).
- C- A partir daí, passe para a análise da imagem: Que elementos compõem a cena? Através da imagem, podemos perceber o

Sofonisba Anguissola


(1532/38 – 1625) era de Cremona, Itália, filha de nobres. Sua família teve uma atitude talvez inusitada para a época, transformá-la em uma pintora profissional. Para saber um pouco mais sugerimos o artigo: *Sofonisba Anguissola (1532/38-1625): uma pintora italiana no Renascimento espanhol*, de Isabel Hargrave. Disponível em: http://www.unicamp.br/cha/eha/atas/2010/isabel_hargrave.pdf

Acesso em: 30 nov. 2016.

nível social das personagens? Será que isso foi um fator para que ela se tornasse uma grande artista?

D- Ao fundo a artista pintou um vale, isso era característica dos pintores renascentistas? O que representava?


E- Além desse quadro, Sofonisba têm vários outros, em que, inclusive, ela se autorretratou diversas vezes. Proponha uma pesquisa na *internet* sobre a pintora e suas outras obras.

 **Professores, enfoquem a importância de se analisar, não só as pinturas como também outras produções que mostrem atividades desenvolvidas pelas mulheres nesse período.**

Além da pintora renascentista Sofonisba Anguissola, deixamos como sugestão o nome de outras artistas do período, que também podem ser usadas em sala de aula:

I – Catherine de Vigri ou Santa Catarina de Bolonha (1413 – 1463);

II – Lavínia Fontana (1552 – 1614);



Para
saber
mais

Para leitura recomendamos a tese de Luciana Eleonora de Freitas Calado: *A CIDADE DAS DAMAS: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisán*. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>

Acesso em: 30 nov. 2016.

3. Tá ligado?

Como sugestão de análise de documento histórico, indicamos um trecho do livro *Cidade das Damas*¹, da autora Cristina de Pisán (1363 - 1430). Nascida em Veneza, Cristina de Pisán é considerada a primeira autora profissional da História, isso em uma época em que as mulheres não tinham direito de expor suas ideias. O seu discurso tem grande valor, sendo a primeira mulher a defender uma nova moral feminina durante o período. Portanto é considerada, por muitas estudiosas, a precursora do **feminismo**. Vale lembrar que tudo isso, numa época em que ser mulher significava ser uma Eva “a pecadora” ou Maria “a santa”.

Essa atuação de Cristina de Pisán se deu devido à educação que recebeu de seu pai, que a incentivou a estudar. Aprendeu várias línguas, lendo vários clássicos dentro do espírito humanista do início do Renascimento. O que a tornou uma célebre autora foi à disputa com Jean de Meung sobre o poema *Romance da Rosa*²,

¹ Trecho extraído da tese de Luciana Eleonora Calado, indicado como sugestão de leitura.

² Longo poema escrito, em dois momentos, durante a Idade Média, em forma de debate. A segunda parte, escrita por Jean de Meung, foi o motivo do debate intenso com a autora

conferindo a ela o estatuto de escritora. Seus escritos enaltecem as mulheres e suas virtudes.

Glossário:

Feminismo: fenômeno social, cultural que assume feições específicas de acordo com o lugar e os sujeitos que dele ou nele falam. [...] expressão na legislação que defende igualdade de educação, salário e oportunidade para as mulheres. (COLLING, TEDESCHI, 2015, p. 244)

CIDADE DAS DAMAS - LIVRO PRIMEIRO

Aqui começa o livro da Cidade das Damas, cujo primeiro capítulo narra como e com qual propósito esse livro foi escrito.

Um dia, estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso da minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de vários volumes, tratando dos mais diversos assuntos. Com a mente cansada por ter passado um bom tempo estudando sentenças complexas de tantos autores, levantei-me a vista do texto,

decidindo deixar, por um momento, assuntos mais sutis para deleitar-me com a leitura de alguma poesia. E, com esse intuito, procurando à minha volta algum livrete, caí em minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali, com outros volumes, por empréstimo. Abri-o, então, e observei no título que se tratava de Mateolo. Pus-me, então, a rir, pois não o havia lido antes, mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar bem das mulheres. Pensei, então, que para me divertir um pouco, poderia percorrê-lo. [...] Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável-, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias-, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folheei-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas

condutas em palavras, tratados e escritos. [...] Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, [...]. Procurei examinar na minha alma e consciência se o testemunho reunido de tanto homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres. [...] Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres. [...] No final, cheguei à conclusão de que criando a mulher, Deus tinha feito

uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios completamente absorta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e a consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza. Lamentava-me assim: "Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? [...] Eu não consigo entender essa aversão. [...]" Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus; tristemente aflita, na medida em que minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino.

PISÁN, Cristina. A cidade das Damas. Tradução: Luciana Eleonora de Freitas Calado. A CIDADE DAS DAMAS: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisán. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>. p.118-121. Acesso em: 30 nov. 2016.

Explorando o texto:

Professores, proponham para os seus alunos as seguintes questões sobre o texto:

1- Num primeiro momento, peça para que seus alunos façam uma pesquisa sobre a autora Cristina de Pisán e sobre o período histórico em que vivia. O objetivo é que entendam porque ela escreveu esse texto. Só depois, indicamos a análise do texto.

2- Peçam a eles que façam uma primeira leitura. Após, deverão fazer uma lista com as palavras e expressões que desconhecem e pesquisem no dicionário. Depois proponha as seguintes questões para fomentar o debate.

3- No texto Cristina de Pisán se mostra uma intelectual que lê vários escritos de diversos assuntos e complexidades. Isso era algo comum nas mulheres desse período? Elas conquistaram o direito de estudar? Com relação a isso, atualmente, as mulheres têm direito a ter acesso a uma educação formal? Justifique.



**Para
saber
mais**

Circe Maria Fernandes Bittencourt, em seu livro *Ensino de História: fundamentos e Métodos*, nos deixa indicações de como se trabalhar com documentos históricos, jornais, literatura, imagens, fotografias e cinema.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. -3.ed.- São Paulo: Cortez, 2009. p. 325-407.

4- A autora cita que: “[...] cheguei à conclusão de que criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil.[...] fui inundada pelo desgosto e a consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza.[...]” De acordo com o período em que ela vivia, podemos entender que, de alguma forma, poderia ser alguma “artimanha” feita por Cristina para que o seu texto fosse lido e aceito perante a sociedade? Já que ela, como uma intelectual, entendia que todo o sexo feminino era, de alguma forma, menosprezado pela sociedade da época?

5- Ao ler o opúsculo (livro pequeno), de Mateolo, Cristina faz uma indagação sobre o porquê de tantos homens maldizerem as mulheres. De acordo com vários autores da época, a mulher “é profundamente má e inclinada ao vício”. Atualmente permanecem essas ideias sobre as mulheres? Que concepções ainda podemos perceber quando falamos do feminino? Dê exemplos.

4. Mãos à obra!

Como proposta de atividade diversificada, sugerimos que seja aplicado em sala de aula um **júri simulado**. Como sugestão, vocês, professores, poderão dividir a turma em dois grupos, um que defenda a posição de protagonistas das mulheres na sociedade da Renascença e o outro que seja contrário a essa visão, que confirme o seu *papel* de subalternidade. A ideia é perceber quais

são os argumentos e quais têm validade para o mundo de hoje. Além dos dois grupos, é necessário ainda um juiz e quatro comentaristas, estes serão espectadores que analisarão os argumentos e o debate.



Consulte um modelo dessa técnica no link.

<http://www.mundojovem.com.br/dinamicas/como-fazer-um-juri-simulado>

Acesso em: 30 nov. 2016.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. DUBY, Georges. (orgs) *História da Vida Privada 2: Da Europa Feudal à Renascença*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*- 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2009.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A CIDADE DAS DAMAS: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan*. Disponível em:

<http://www.pglettras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.

COLLING, Ana Maria. TEDESCHI, Losandro Antonio. (orgs.) Dicionário crítico de gênero. – Dourados: MS: Ed. UFGD, 2015.

DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação.* - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais.* – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *As Damas do Século XII: Eva e os padres.* – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios.* – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados.*- 5. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. *Caminhos da história ensinada.* 3ª ed., Campinas, S.P.: Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.* 1ª ed., São Paulo, SP: Olho d'Água, 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero.* – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HARGRAVE, Isabel. *Sofonisba Anguissola (1532/38-1625): uma pintora italiana no Renascimento espanhol.* Disponível em: http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/isabel_hargrave.pdf. Acesso em: 30 nov. 2016.

LE GOFF, Jacques. *O homem Medieval*. – Lisboa: Editorial Presença, 1. ed., 1989.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. – Lisboa: Gradiva, 2. ed., 1987. (Coleção Construir o Passado)

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. – São Paulo: Contexto, 1990. – (Coleção Repensando a história geral).

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*.

Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2008.

Disponível em:

www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300021&script=. Acesso em: 30 nov. 2016.

_____. O ensino de História e a invisibilidade da mulher. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2100>. Acesso em: 30 nov. 2016.

II. As mulheres na Revolução Francesa



A liberdade guiando o povo - Eugène Delacroix
(1798 - 1863), óleo sobre tela, 2,6mX3,2m, Louvre-
Lens.

1. Para refletir:

"A mulher tem o direito de subir ao cadafalso; ela também tem o direito de subir à tribuna."

Olympe de Gouges (1748-1793)

Quando se debate sobre a participação feminina na Revolução Francesa (1789-1799), logo, nos vem à memória a imagem da rainha Maria Antonieta, uma mulher da realeza que ganhou fama por sua futilidade. Além disso, por pertencer à nobreza, a rainha foi guilhotinada em 16 de outubro de 1793, pelas mãos dos revolucionários franceses. Outro evento lembrado desse período, com participação das mulheres, ficou conhecido como a Marcha

sobre Versalhes, quando as mulheres enfurecidas pelos preços dos alimentos vão ao palácio e obrigam a família real a acompanhá-las até Paris. Parece que as mulheres só existem quando pertencem à realeza ou surgem em eventos esporádicos. Assim, toda a “História” é feita pelos *bravos* companheiros.

Michelle Perrot, em *Os Excluídos da História*, nos afirma que:

[...] a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua ‘cultura’ e a existência de seus poderes (PERROT, 2001, p.169-179).

Infelizmente, a história não é contada e vista também pelos olhares femininos. O que chega até nós, sobre os vários eventos históricos, é pautado sob uma visão masculinizada, em que as mulheres não tiveram e não têm participação ativa. Mas por quê? Vivemos em uma sociedade de cultura **misógina**, onde as relações de poder valorizam o que é masculino. E isso, se traduz nas fontes escritas, consideradas por muito tempo como únicas fontes aceitas na História. Mantendo assim, a invisibilização feminina ou o seu silenciamento.

Na Revolução Francesa não foi diferente, calaram-se as vozes femininas. Pois as mulheres não eram vistas como iguais – apesar dos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Na verdade, ocorreu uma intensa atuação feminina no movimento, mas uma das

principais conquistas, a participação política, não foi concedido às mulheres, mesmo com sua intensa presença no processo revolucionário.

Na França do final do século XVIII, as mulheres não eram levadas *a sério*, eram consideradas sujeitos passivos, enquanto os homens, cidadãos ativos. Às mulheres, cabia-lhes um *papel* específico na sociedade, o de ser mãe, ou seja, o papel de reprodutora. E, essa função acabava por determinar que elas não assumissem outras atividades. Era determinação social: apenas ser mãe. O que se pregava, portanto, era uma discriminação baseada na diferença sexual.

André Amar (1755-1816), advogado francês, deputado da Convenção Nacional e representante da Comissão de Segurança Geral, justificava que:

(...) elas se veriam obrigadas a sacrificar os afazeres mais importantes para os quais a natureza as chama. As funções privadas para as quais as mulheres por força de sua própria natureza são destinadas têm relação com a ordem geral da sociedade; essa ordem geral resulta das diferenças que existem entre o homem e a mulher. Cada sexo é chamado para o tipo de atividade para a qual ele está constituído; seu campo de ação está circunscrito por esse círculo, do qual não pode sair, porque a própria natureza, que impôs tais limites ao ser humano, ordena de maneira imperiosa e não aceita a imposição da lei (AMAR, citado em SCOTT, 2002, p. 92).

As diferenças sexuais eram vistas como um princípio da ordem política, e, de acordo com ela, as mulheres não teriam, então, direitos de participar da vida pública.



Dica

Professores, debatam com seus alunos esses temas, comparando essas informações com questões atuais sobre os direitos políticos que foram alcançados pelas mulheres.

Naturalizava-se e perpetuava-se o discurso de poder e de dominação, no qual as mulheres deveriam ser submissas e participar somente do mundo privado.

Apesar disso, as mulheres lutaram bravamente. Como em outros momentos históricos, participaram lado-a-lado com os homens durante o processo revolucionário. Umas, através das palavras e ideias, outras, através da luta armada.

Glossário:


Misoginia: diz-se da aversão, ódio ou desprezo por mulheres. (COLLING, TEDESCHI, 2015, p. 461)

2. Vamos trabalhar?

Olhares atentos:

Como sugestão de atividade com imagens, propomos a utilização de uma iconografia da época. A atividade pode ser realizada individualmente ou em grupo. A imagem a seguir é do século XVIII, de artista anônimo, e representa as mulheres no processo revolucionário francês.

A proposta, aqui, é que esta imagem sirva de referência e inspiração para que possamos desenvolver, a partir de outras fontes, novas atividades, como reconstrução, releitura, usando pinturas, gravuras, charges, etc.



**Para
saber
mais:**

A sugestão de leitura para esse tema é o texto *Revolução francesa e feminina*, da autora Tânia Machado Morin. O link para acessá-lo é: <http://revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/revolucao-francesa-e-feminina>. Acesso em: 02 dez. 2016.

Imagem das
mulheres
combatendo com os
homens na
Revolução Francesa.

Disponível em:

http://www.rhbn.com.br/uploads/docs/imagens/imagens/1%20imagem%20MG_6176.jpg

Acesso em: 02 dez.
2016.



a- Professores, peçam para os alunos que observem a imagem com atenção. A partir daí, proponha as seguintes questões:

b- É possível destacar o tema que a imagem representa? O que o autor buscou representar?

c- Que ações estão sendo retratadas? Identifique a personagem que recebe maior destaque. Descreva seus gestos e atitudes, sua fisionomia, como está vestida.

d- Que outros elementos compõem a cena? Descreva todas as outras personagens e o que estão fazendo. Como as personagens secundárias se interligam com a principal?

e- Com essas informações, podemos perceber de que grupo social essas pessoas eram?

f- Se não houvesse nenhuma informação sobre a cena retratada, seria possível definir qual evento histórico o autor quis retratar?

g- Como as mulheres estão representadas? Condiz com o que estudamos e aprendemos nos livros didáticos sobre elas? É possível fazer alguma relação com o contexto atual?

h- Como atividade diversificada, proponha uma atividade em grupo: fazer uma releitura da imagem, utilizando cartolina e giz de cera.

II- Após a análise e a releitura, façam a exposição dos trabalhos e peça para que eles expliquem suas obras.

3. Tá ligado?

Durante a Revolução Francesa, muitas mulheres participaram de sublevações e protestos, outras, através de suas ideias, mas todas tinham o mesmo objetivo: reivindicavam direitos civis para todas as mulheres. Uma delas, dentre as que mais se destacou, foi Marie Gouze (1748-1793), conhecida como Olympe de Gouges, dedicou parte de sua vida a denunciar as contradições existentes no processo revolucionário francês. Escreveu, em 1791, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, dentre diversos outros textos, e, por suas ideias, foi condenada à morte na guilhotina.



Como atividade com fonte escrita, propomos a leitura e interpretação de alguns trechos da declaração escrita por Olympe de Gouges:

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER E DA CIDADÃ (1791)

"Preâmbulo

*As mães, as filhas, as irmãs,
representantes da nação, reivindicam
constituírem se em Assembleia*

*Nacional. Considerando que a
ignorância, o esquecimento ou o
menosprezo dos direitos da mulher são
as únicas causas das desgraças públicas*

e da corrupção no governo, resolveram expor, em uma declaração solene, os direitos naturais inalienáveis e sagrados da mulher. (...) Conseqüentemente, o sexo superior em beleza e em coragem, em meio aos sofrimentos maternais, reconhece e declara, na presença e sob a proteção do Ser Supremo, os seguintes Direitos da Mulher e da Cidadã.

Artigo primeiro

A Mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse comum.

Artigo segundo

O objetivo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da Mulher e do Homem. Estes direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança, e, sobretudo, a resistência à opressão.

(...)

Artigo sexto

A lei deve ser a expressão da vontade geral; todas as cidadãs e cidadãos devem colaborar pessoalmente ou por seus representantes, para a sua formação; ela deve ser igual pra todos: todas as cidadãs e todos os cidadãos,

sendo iguais frente a ela, devem ser igualmente admitidos a todas as dignidades, postos e empregos públicos, de acordo com sua capacidade, e sem qualquer distinção a não ser por suas virtudes e seus talentos.

(...)

Artigo dez

Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, mesmo que sejam de princípio; a mulher tem o direito de subir ao cadafalso; mas ela deve igualmente ter o direito de subir à tribuna, contanto que suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida pela lei.

(...)

Artigo treze

Para a manutenção da força pública, e para os gastos administrativos, as contribuições da mulher e do homem devem ser iguais; ela participa de todos os trabalhos ingratos, de todas as tarefas pesadas; ela deve, por conseguinte, ter a mesma participação da distribuição dos postos, dos empregos, dos cargos, das dignidades e da indústria.

(...)

Pós-âmbulo

Mulher, acorda! A força da razão faz-se ouvir em todo o universo: reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza já não está limitado por preconceitos, superstição e mentiras. (...) O homem escravo multiplicou suas forças, precisou recorrer às tuas

(forças) para romper seus grilhões. Tornado livre, ele fez-se injusto em relação à sua companheira.

Mulheres! Mulheres, quando deixareis de ser cegas? Quais são as vantagens que obtivestes na Revolução?(...)."

FONTE: Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã – Olympe de Gouges, 1791. In: *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*. V4.n.1. Tradução: Selvino José Assmann. Florianópolis. Jan/Jun 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852>. Acesso em: 02 dez. 2016.

Explorando o texto:

Professores, incentivem os seus alunos a participarem das discussões através das questões propostas abaixo:

1- É importante que se faça uma discussão anteriormente sobre o contexto histórico, de como as mulheres eram vistas perante a sociedade, que *papéis* lhe foram

atribuídos? Também é importante fornecer informações sobre a autora para que entendam o contexto do processo revolucionário e os motivos dela em redigir a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. (se necessário discutam o texto do início da temática)

2- Primeiramente, peça que façam uma primeira leitura. Após, deverão fazer uma lista com as palavras e expressões que não entenderam. Com a lista feita, eles deverão consultar o dicionário tirando as dúvidas.

3- Só então deverão fazer uma *nova* leitura para resolver as questões propostas.

a – A autora cita que o esquecimento e o menosprezo dos direitos das mulheres são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção do governo. As ideias de Olympe de Gouges se encaixariam nas discussões sobre *questões femininas* existentes ainda na atualidade?

b – Nos artigos I e II, ela defende sobre a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da Mulher e do Homem, que, de acordo com o texto, são: a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão. Incentive o debate: que outros direitos podem ser incluídos nesta lista?

c – Olympe de Gouges acreditava que “a lei deve ser a expressão da vontade geral”, sem distinções entre mulheres e homens. Professor, divida a turma em grupos e distribua os principais pensadores iluministas. Peça para que pesquisem suas ideias sobre as mulheres e seus direitos. Depois, organize a exposição das pesquisas e proponha o debate sobre as contradições desses pensadores no processo revolucionário francês.

d – No artigo décimo, a expressão: “(...) a mulher tem o direito de subir ao cadafalso. Mas ela deve igualmente ter o direito de subir à tribuna (...)”. Deixa claro a posição da autora com relação à participação feminina na política e na expressão de suas ideias. Professor, incentive a discussão sobre a seguinte questão: você concorda que as mulheres deveriam ter uma participação maior na política? A partir desse debate, faça uma atividade para exposição:

- Primeiro divida a turma em grupos e distribua as regiões do país;
- Depois peça que cada grupo pesquise o número de mulheres eleitas em cada estado;
- Montem, com esses dados, um painel comparativo entre cargos exercidos por homens e mulheres;
- Montem um painel com o mapa do Brasil e exponha na escola.

e – Sobre a Revolução Francesa, peça que busquem informações sobre a situação feminina na época revolucionária e listem as conquistas que elas obtiveram. Depois as mudanças nas leis sob o governo de Napoleão Bonaparte. Incentive os alunos a discutirem os motivos das mudanças e os motivos para tais alterações em relação às mulheres.

f- No artigo décimo terceiro, ela defende que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens com relação à distribuição das profissões e postos de trabalho. A partir desse tema, peça para os alunos listarem ao menos 10 mulheres e suas funções das suas relações (pode ser vizinhas, familiares, conhecidas). Junto com a profissão, peça para realizarem uma entrevista sobre as condições de trabalho, salário e percepções dessas mulheres. Em sala use os dados e entrevistas para debater a questão das mulheres no mercado de trabalho. Procure montar uma tabela de conquistas femininas e de problemas ainda existentes como resultado do debate.




Vale também fazer uma leitura crítica do texto completo. Este documento pode ser encontrado, na íntegra, no *link* informado.

4. Em cena!

Professores, outro recurso que podemos utilizar em sala-de-aula é a análise de filmes. Como eles não são produzidos com a ideia de um recurso pedagógico, cabe, então, a vocês, transformá-los. Nesse caso, dependendo do que se está estudando, qualquer filme pode se tornar esse tipo de recurso, depende de como serão conduzidas as discussões acerca do tema proposto.

Com essa temática própria, sentimos certa dificuldade em encontrar um material que se adequasse ao que está sendo proposto. Então sugerimos para vocês o filme *Adeus, minha rainha*, um filme (ficção) que foi lançado em 2013, sob a direção de Benoît Jacquot.

A trama se mostra interessante, sendo contada não sob os olhos da realeza e de Maria Antonieta, mas de uma de suas mais



**Para
saber
mais:**

No livro *Como usar o cinema na sala de aula*, o autor Marcos Napolitano nos traz sugestões interessantes sobre esse recurso e de como utilizá-lo.

NAPOLITANO,
Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

fiéis serviçais do Palácio de Versalhes, Sidonie Laborte, leitora oficial da rainha. Dentro desse contexto, a revolução é mostrada pelos bastidores, sob os olhares da criadagem. Além do luxo e da ostentação da realeza, percebemos a forma como os serviçais viviam dentro do palácio e desempenhavam importantes funções, principalmente as mulheres, sendo que cada uma desempenhava um determinado trabalho, uma função. E, não só isso, podemos analisar os costumes, a forma como os criados deveriam se portar aos seus senhores. E, é claro, como a rainha era vista por sua criada e que papel essa desempenhou durante toda a trama.

Para fazer a análise do recurso, proponham aos seus alunos as seguintes considerações:

I – Como a temática é sobre mulheres, analisem e discutam com a classe as funções desempenhadas por elas ao longo de toda a narrativa, essa pode ser utilizada como a questão guia;

II- A época e o local em que foi produzido;

III – O tema e seus personagens principais – que papel cada um desempenha durante todo o enredo;

IV – Que mensagens são transmitidas pelo filme e os pontos de vista expressados;

V – Comente a devoção de Sidonie por *sua* rainha, os sentimentos eram recíprocos?

VI – Como atividade final das discussões, a proposta é que realizem uma produção de texto.



Dica

Selecione alguns trechos que destaquem as funções que várias mulheres desempenhavam no palácio, servindo a Rainha. Façam um paralelo com a atualidade, os trabalhos exercidos pelas mulheres, a questão da diferença de classe social, as funções e salários das mulheres. Instiguem os estudantes a debaterem a forma como a *criadagem* era tratada. Um filme nacional que pode servir para um trabalho comparativo e suscitar debates é *Que horas ela volta*, de Anna Muylaert (2015).

5. Mãos à obra

Criando uma biografia:

Propomos, como atividade diferenciada, a elaboração de uma biografia. Rousseau, Voltaire, Danton, entre muitos outros, têm, facilmente, sua história encontrada. Aqui a proposta é elaborar e divulgar a biografia de mulheres revolucionárias, usando como inspiração a Revolução Francesa, mas podendo ser uma revolucionária de qualquer tempo histórico. Vale debater o valor das biografias e seus usos, sabendo que podem tanto enaltecer a personagem ou criticá-la. Por isso a orientação do professor é essencial.

Etapa I

Como o processo é dispendioso, o ideal é que a turma se divida em grupos. Organize da melhor forma de acordo com a realidade da sua escola. O grupo deverá fazer uma pesquisa em diferentes fontes e escolher uma personagem feminina revolucionária.

Etapa II

Após a escolha, o grupo deverá pesquisar o máximo de informações possíveis sobre essa pessoa, nascimento, atividades realizadas, importância histórica, principal realização, que papel ocupou no processo revolucionário, que ideias defendia, *status* social, etc.

Para facilitar, os dados podem ser organizados em ordem cronológica, auxiliando a leitura e análise de informações.

Etapa III

Após a leitura e coleta de dados mais importantes, passa-se para a redação da biografia, contendo os principais fatos da vida da personagem, ou curiosidades que o grupo conseguiu descobrir, ou ainda, aquilo que eles considerarem mais pertinente a ser apresentado em seu trabalho. Importante é incentivar que eles leiam outras biografias para ver como fazer essa narrativa.

Após o texto ser revisado, o trabalho pode ser ilustrado com imagens, fotografias, entre outras possibilidades.

Etapa IV

A ideia pode ser realizada tanto num mural/painel ou no formato de livreto/fanzine. O importante é que se faça a exposição e que eles possam explicar a escolha da personagem, os

destaques e o que mais acharam interessante naquela biografia. Incentive também o relato das dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa e elaboração do trabalho.

Referências bibliográficas

ADEUS, MINHA RAINHA!(2011)
Direção e produção de Benoit Jacquot,
França, Europa Filmes (1h e 40 min).

COLLING, Ana Maria. TEDESCHI,
Losandro Antonio. (orgs.) Dicionário
crítico de gênero. – Dourados: MS: Ed.
UFGD, 2015.

CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero:
a mulher em foco. *Representações do
feminino*. Campinas, SP: Editora Átomo,
2003.

DANTE, Fernanda Clemilda Santos de
Oliveira. *As mulheres na Revolução
Francesa*. Maiêutica - Curso de História.
Centro Universitário Leonardo da Vinci-
UNIASSELVI. 2013. p. 08 – 22.
Disponível em:
[https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.
php/HID_EaD/article/view/504/195](https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/view/504/195).
Acesso em: 02 dez. 2016.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos
Direitos da Mulher e da Cidadã. Revista
Internacional, Interdisciplinar –

INTERTHESIS. v. 04, n.01. Florianópolis. Jan./Jun. 2007. p. 01 – 05. Tradução: Selvino José Assmann. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852>. Acesso em: 02 dez. 2016.

GILL, Lorena Almeida. Olympe de Gouges e seus últimos dias. *Pensamento Plural* | Pelotas [04]: 203 - 207, janeiro/junho 2009. Disponível em: <http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/04/09.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2016.

HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Tania Machado. *VIRTUOSAS E PERIGOSAS: As mulheres na Revolução Francesa*. 1.ed. – São Paulo: Alameda, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª. ed., 2001.

QUE HORAS ELA VOLTA?(2015) Direção Anna Muylaert, Brasil, Pandora Filmes (1 h e 54 min.).

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As

Mulheres na Revolução Francesa. *Revista Thema* -| 2012 - 09 (02). p. 01 – 19.

Disponível em:

<https://www.revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/147/67>.

Acesso em: 02 dez. 2016.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. – Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SILVA. Gilvan V. *Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história*. Dimensões. Niterói: UFES, vol. 23, 2009, pp.45-66. Disponível em:

<http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes23>

[GilvanVenturadaSilva.pdf](#). Acesso: 02 dez. 2016.

III- A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA



Participação feminina na passeata dos 100 mil, resistência à ditadura civil-militar no Brasil.

1. Para refletir:

“Pisei no calcanhar do monstro, e ele virou sua pata sobre mim, cego e incontrolável. Fui uma das vítimas inumeráveis do machão crioulo, monstro verde-amarelo de pés imensos de barro. Foram intermináveis dias de Sodoma. Me pisaram, cuspiram, me despedaçaram em mil cacos. Me violentaram nos meus cantos mais íntimos.”

Maria Auxiliadora Lara Barcellos (1945-1976)

A frase acima é do texto *Continuo sonhando*, escrito por Dora, como era conhecida entre os amigos, a Maria Auxiliadora Lara Barcellos, uma das muitas mulheres que participaram da luta armada contra o processo de ditadura civil-militar no Brasil. Dora é apenas uma das muitas mulheres que participaram, de diversas formas, contra a Ditadura no

Brasil. Ao pesquisar sobre elas, vimos que nem todas se engajaram na luta armada, algumas nem sequer se filiaram a nenhum movimento, organização ou partido político. Porém, só pelo fato de proteger ou abrigar integrantes, foram consideradas *subversivas*, e, portanto, perigosas para o ideário de Segurança Nacional, em vigor naquela época. Assim, muitas mulheres

foram perseguidas, torturadas e exiladas por suas convicções e ideias.

Elas sempre estiveram presentes: organizavam passeatas, greves, manifestações e, até mesmo, como, no caso de Dora, pegaram em armas para defender seus ideais. Não queremos aqui frisar o *papel* de vítimas dessas mulheres, e, apesar de um período delicado, que deixou marcas na nossa sociedade, a intenção é a de mostrar que elas também tiveram uma participação ativa de enfrentamento e resistência. Enfim, destacar também o seu protagonismo.

Foi um momento muito duro para aquelas que não aceitavam o que era

imposto pelo Golpe de 1964. Por mais que a década de 1960 tenha sido um período histórico de muita contestação, de discussões intensas sobre liberdades e direitos femininos. Ainda assim, esses não eram garantidos nem *fora* e nem *dentro* dos movimentos dos quais elas participavam. Por isso, elas precisavam se impor em várias frentes de batalhas, não só contra os ditadores, mas, em geral, contra toda a sociedade machista, inclusive movimentos de esquerda. A luta era contra a ditadura e também para fazer terem seus direitos reconhecidos.

De acordo com Ana Maria Colling, em seu livro *A resistência da mulher à*

ditadura militar no Brasil, a luta feminina, nesse período, ocorreu em duas frentes:

Nessa época, as mulheres, já organizadas, combinaram a luta contra a ditadura e por melhores condições de vida com a discussão dos problemas específicos das mulheres – sexualidade, contracepção, aborto, dupla jornada de trabalho e a discriminação econômica, social e política. Era como se fosse uma reação não-armada à repressão política. A questão do “específico feminino” é carregada no clima de contestação geral. A ação política da mulher no período da

ditadura militar se dá, portanto, em duas frentes – na luta contra a repressão e na luta contra as desigualdades entre homem e mulher, respeitando as diferenças existentes (COLLING, 1997, p. 43-44).

As mulheres se empenharam contra o momento político ditatorial, e, ao mesmo tempo, lutaram em busca de seus direitos. Infelizmente, muitas mulheres como Dora perderam suas vidas por aquilo em que acreditavam.

2. Vamos trabalhar?

Olhares atentos


A fotografia, no início da temática *A atuação das mulheres na ditadura civil-militar no Brasil*, mostra a participação feminina durante a passeata dos 100 mil, no Rio de Janeiro, em 1968. A proposta aqui é trabalhar com uma fonte histórica muito rica e um grande recurso didático para análises: a fotografia. É fácil, hoje, buscar fotos sobre esse período da história brasileira.

No site *Memórias da Ditadura e Brasil Nunca Mais*, (<http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/>) estão disponibilizadas diversas imagens sobre o período e algumas delas inclusive destacam a participação feminina em diversos momentos. As imagens podem ser utilizadas para fazer comparações de um momento e outro.

Com isso, na imagem em questão, alguns itens podem ser analisados:

- Primeiro, lembremos que *a fotografia é uma representação do real*, e, por isso, precisamos desconstruí-la (BITTENCOURT, 2009, p. 366-367).

Professores, para o trabalho com esse recurso didático, a fotografia, proponha as seguintes indagações aos seus alunos:



Para saber mais:

Como sugestão de pesquisa e leitura, indicamos o site: <http://memoriasdaditadura.org.br/mulheres/>. Nesse site encontra-se textos, vídeos, depoimentos e histórias de várias mulheres e de sua participação na ditadura civil-militar brasileira, além de sequências didáticas e de atividades para serem trabalhadas em sala de aula.

- Por que e para que a fotografia foi tirada? Que intenções teria o fotógrafo ao retratar uma manifestação com grande participação feminina num período ditatorial?
- Qual é o foco da imagem? Que importância teria isso, dar ênfase a participação de mulheres nesse período?
- A fotografia comprova que as mulheres participaram nesses movimentos contra a ditadura civil-militar?
- A manifestação retratada foi pacífica ou violenta? Façam uma pesquisa sobre a passeata dos Cem Mil. As mulheres só participaram de movimentos pacíficos contra o período ditatorial?
- Algumas expressões aparecem na fotografia. Cite-as.
- Finalize esse momento pedindo que os alunos montem uma “Mostra de Fotografias” sobre a Ditadura. Cada grupo pode ficar com um tema: resistências, manifestações, tortura, repressão, cultura, e, em todas, pedir que destaquem as mulheres.

3. Tá ligado?

Como sugestão de atividade com texto, indicamos o manuscrito de Maria Auxiliadora Lara Barcellos (1945-1976), o qual foi escrito por ela já no exílio. Foi presa, torturada e banida do Brasil em 1971 pela ditadura brasileira. Não suportando os problemas psicológicos causados pela tortura que sofreu, suicidou-se, jogando-se na frente de um trem em Berlim Ocidental, em 1976, com apenas 31 anos de idade.

Continuo sonhando

Me chamo Maria Auxiliadora Lara Barcellos. Apelido Dorinha-Dora- Dorinha ou Doralice. Tenho 30 anos, nasci e me criei no Brasil, pra onde irei voltar, apesar de você. Sou um dos mais autênticos produtos nacionais, nasci em Antônio Dias, Minas Gerais, pra seu e nosso governo, amém. Num quarto de pensão - destino -, meu pai tava sempre de passagem e minha mãe sempre em sua sempre em sua, companhia. (...) Afinal, a maioria no Brasil está de passagem, procurando seu posto definitivo, mas as aranhas e piranhas não dão chance, não dão sossego.

Para saber mais:

Maria Auxiliadora Lara Barcellos (1945-1976) foi integrante da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR – Palmares). Foi presa em 1969, com mais dois companheiros. Com o sequestro de Giovanni Enrico Bucher – embaixador suíço no Brasil –, pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) comandado por Carlos Lamarca, foi uma dos 70 presos políticos trocados e exilados no Chile.

Querendo fazer a gente de gato e sapato? Os Safadões! Mandando a gente calar a boca, e seguir fugindo. Mas a gente faz é diferente, só pra chatear: sai procurando a saída, sem calar a boca.

Foi isso que eu fiz. Os senhores me perdoem, eu era criança e idealista. Hoje sou adulta e materialista, mas continuo sonhando. Dentro da minha represa. E não tem lei nesse mundo que vai impedir o boi de voar.

Sou um boi marcado, uma velha "terrorista". Fui aprendiz de feiticeiro, não sabia usar a varinha, deu merda. E feia.

Pisei no calcanhar do monstro, e ele vivou sua pata sobre mim, cego e incontrolável. Fui uma das vítimas inumeráveis do machão crioulo, monstro verde-amarelo de pés imensos de barro.

Foram intermináveis dias de Sodoma. Me pisaram, cuspiram, me despedaçaram em mil cacos. Me violentaram nos meus cantos mais íntimos.

Foi um tempo sem sorrisos. Um templo de esgares, de gritos sufocados, um grito no escuro.

A Apologia da Violência. A luta pelo poder absoluto. A destruição do outro, da antítese da sua alma negra. O sacrifício dos bebês.

Onde já se viu jabuticaba de asa, meu filho? Eu tinha comido um besouro. Ele zumbia dentro de mim furioso, pra me lembrar que a imaginação incomoda muita gente. Parar de imaginar, parar de ser e de querer. Aceitar, resignar é bom, traz a brisa fresca café com leite de manhã, muita fartura.

Aurora, lugar de mulher donzela é na barra do marido e lugar de puta safada é no puteiro, uai. Pra que é que nós estudamos aritmética no Exército? Pra saber que 2 mais 2 são 4 e que não existe pecado sem expiação. Moça donzela você não quis, puta safada também não quer. Minha querida esse bicho não existe.

Perdão, meu capitão, eu sou gente. Pra mais além do meu sexo. E minhas matas só percorre quem é nascido no bosque. O senhor tá do outro lado da cerca, já sentiu?

Milhões de anos-luz nos separam. Se o senhor, meu capitão, chegasse a entender um dia essa distância, talvez pudesse criar asas e voar. Houve já na História quem o fez. Eu nem posso tentar ajudá-lo, os perigos são imensos e Janaina tá se vestindo para atravessar as águas.

Depois do Inferno, o Paraíso. Saboroso, caloroso e sorridente, pura esperança e muita ingenuidade. Minha também, confesso.

EN CHILE NO PASÁRAN! (...)

Meu Chile lindo, o reencontro da esperança, do amor, da liberdade embriagadora. (...) nos emprestaram seus cocares e pintaram nossas caras com as cores da bandeira sul-americana.

Três anos de desassossego (...).

Y afinal chegaram. Y passaram. (...)

Outra vez la huida. (...) México, bananas e abacaxis imensos, (...).

O comboio segue viagem. Hermanos americanos, nos asilamos na Europa, frutos ricos Y aparatos eletrodomésticos aos montes no lixo. (...)

E aqui estamos, senhores. A fábrica de papel Schwartz & Weiss nos acaba de informar por la Post que em poucos meses receberemos nossos passaportes, o mais nobre pedaço do Homem, segundo o Bertold Brecht.

O atraso de dois anos na entrega de nossos passaportes se deve à crise petro-energo-poli-papeleira, verstanden? Verstanden und Einverstanden, meine Herren. A gente aprendeu a concordar, pra sobreviver. (...)

Unamos nossas vozes, meu povão preto-e-branco:

Salve lindo pendão da esperança

Salve símbolo augusto da paz

Tua nobre presença a lembrança

Da grandeza da pátria nos traz

Recebe o afeto que se encerra em nosso peito infanto-juvenil, querido símbolo da terra

Da amada terra do Brasil.

Fonte: CAVALVANTI, Pedro Celso Uchôa. RAMOS, Jovelino. *Memórias do exílio, Brasil 1964-19?? 1. De muitos caminhos.* - 1. ed. – São Paulo: Editora Livramento LTDA, 1978, p. 315-319.

Explorando o texto:

I – Para que os alunos compreendam o texto escrito por Dora, é necessário que se faça um breve relato sobre a sua vida e principalmente, sobre o período em que foi presa e passou pela tortura.

Como sugestão para a análise com seus alunos, indicamos as seguintes questões:

1- A brasileira Dora escreveu o texto *Continuo sonhando*, quando já estava no exílio na Alemanha Ocidental. Em vários momentos, ela usa de metáforas para se referir à ditadura e aos seus torturadores. Peça para que seus alunos retirem do texto trechos em que ela faz as referidas citações.

2- Ela foi presa e torturada por vários meses. Incentive seus alunos a pesquisarem o trecho em que Dora relata o seu suplício.

3- Instigue-os a debater a seguinte expressão escrita por Dora: “Pisei no calcanhar do monstro, e ele virou sua pata sobre mim, cego e incontrolável. Fui uma das vítimas inumeráveis do machão crioulo, monstro verde-amarelo de pés imensos de barro”.

4- Em alguns momentos, Dora deixa explícita a concepção de que os torturadores tinham das mulheres militantes. Analise, com seus alunos, a forma como essas mulheres eram vistas pela ditadura. A sociedade via essas mulheres de forma homogênea? Por quê?

5- Os alunos podem fazer um SARAU depois dessas discussões, produzindo poesias, músicas, encenações, montagens e outras artes sobre o Tema: Mulheres na Luta!

6- Dora termina seu texto com o trecho que ressalta um dos símbolos do Brasil. Peça que elaborem um outro final para o texto de Dora.

4. Em cena

Como sugestão de atividade, indicamos o documentário *Em busca de Iara*, de 2013. Que relata a luta da família de Iara Iavelberg, integrante de um movimento da guerrilha contra a Ditadura no Brasil, em revelar a verdade sobre a sua morte. O laudo oficial destaca que ela teria se suicidado com um tiro no peito em agosto de 1971. Versão contestada pela sua família, que pediu a exumação de seu corpo. O documentário foi escrito e dirigido por Mariana Pamplona, sobrinha de Iara, e Flávio Frederico, seu marido. Através da busca e de uma pesquisa exaustiva que levou oito anos, desmontam a versão oficial e comprovam que ela foi, de fato, assassinada por agentes do Estado.

Com alguns documentos da época, entrevistas e diálogos de irmãos, amigos e pessoas próximas a ela, reconstroem a imagem de mulher intelectual, forte, companheira e corajosa, que foi desconstruída pela repressão.

I - Seria interessante, que os alunos, após assistirem ao documentário, fizessem uma pesquisa sobre a vida de Iara Iavelberg. Nesse caso, o vídeo pode ser usado como sensibilização, de acordo com José Manuel Moran, que indica as diversas maneiras de se utilizar esse recurso em sala de aula (NAPOLITANO, Marcos, 2006, p. 34).

Após esse trabalho, professor, deixamos como sugestões as seguintes questões para serem debatidas em sala de aula:

1- Como visto no documentário, Mariana Pamplona é sobrinha de Iara e nasceu poucos meses depois de ela ter sido assassinada em agosto de 1971. Para a análise do filme indicamos a seguinte questão guia: Como a família lidou com a imagem da guerrilheira? Por quê?

2- No vídeo, ficam nítidas as diferenças de como a repressão apresentava Iara e Lamarca, e de como os amigos e parentes os viam. Incentive-os a destacarem as diferenças existentes entre as duas imagens. Qual seria o objetivo da repressão em apagar a imagem de Iara e Lamarca como dois importantes personagens na luta contra a ditadura civil-militar?

3- Apesar de ter havido um curto relacionamento entre os dois, ele foi intenso. Isso é percebido através das cartas que Lamarca escrevia para a sua companheira. Peça que destaquem o papel de Iara na formação política dele e a visão que Carlos Lamarca tinha de sua companheira.

4- Analise, juntamente com seus alunos, o depoimento controverso do Dr. Lamartine Andrade Lima.

5- A história de Iara Iavelberg marca a de outra militante, Nilda Cunha, que foi presa no mesmo dia em que Iara foi assassinada e morreu apenas alguns dias após ser libertada. Acredita-se que ela tenha sido envenenada no período em que ficou presa. Peça para os alunos pesquisarem sobre outras mulheres que participaram da luta armada contra a ditadura civil-militar brasileira e o nome da organização que integravam. Após essa atividade, organize um mural com o nome das mulheres mortas, exiladas e torturadas durante a Ditadura.



Outra sugestão é o filme *Que bom te ver viva!*, de Lúcia Murat, de 1985. Através de um monólogo com a atriz Irene Ravache, e depoimentos de várias mulheres militantes, a diretora consegue expor a violência perpetrada pelo Estado.

5. Mãos á obra!

Como atividade em grupo, propomos a organização de um painel com relatos das mulheres torturadas, podemos nomear de **Painel da Vergonha: tortura nunca mais**. Esses trechos podem ser encontrados no *site Memórias da Ditadura* (ou em vários outros). É possível encontrar relatos e descrições sobre as formas de tortura, locais e sequelas deixadas em muitas mulheres que sobreviveram.



Dica

Como sugestão de leitura, indicamos o livro **Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino. Mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura**, da autora Tatiana Merlino, Editora Caros Amigos, 2010.

Referências bibliográficas

ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo?*. – 8. ed.- São Paulo: Brasiliense, 2003.

AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALVANTI, Pedro Celso Uchôa. RAMOS, Jovelino. *Memórias do exílio, Brasil 1964-19?? 1. de muitos caminhos.*- 1.ed. – São Paulo: Editora Livramento LTDA, 1978, p. 315-319.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COSTA, Albertina de Oliveira. (et alii) *Memórias das mulheres do exílio.* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FERREIRA, Ângela Ribeiro: *Representações da História das mulheres no Brasil em livros didáticos de História* – Dissertação de Mestrado UEPG – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar Grossi. *Identidade de Gênero e Sexualidade.* Disponível em: www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf · Acesso em: 04 dez. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.* 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MERLINO, Tatiana. OJEDA, Igor (orgs.) *Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino.* – São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010.

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução.* 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola.* São Paulo: Moderna; Campinas - Moderna, SP, 1999.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. – São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. (orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2012.

QUE BOM te ver viva! (1989). Direção e produção de Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Taigá Filmes & Vídeos. (100 min.).

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul- dez, 1995, pp. 71-99. Disponível em: [https:// archive.org/details/scott_gender](https://archive.org/details/scott_gender). Acesso em: 04 dez. 2016.

_____. Prefácio a Gender and Politics of History. In: Cadernos Pagu. Campinas:

UNICAMP, v.3, pp. 11-27, 1994. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/desacordos-desamores-diferenças-1994-3>. Acesso em: 04 dez. 2016.

_____. História das Mulheres. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. p.398 – 428. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia* - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*.- São Paulo: Editora Vozes. 1974.

IV - MULHERES GOIANAS: SANTA DICA E CORA CORALINA

1. Para refletir:

[...] Santa Dica, ora por mim! Quando ela ficou moça ficou santa, fez milagres, curou gente, curou boubas, espinhelas. Curou tudo, curou moléstias-do-mundo, curou mais que o Padre Cícero Romão. Santa Dica, ora por mim. [...].

Trecho do poema *SANTA DICA* de Jorge de Lima. *In: VASCONCELLOS, Lauro de. SANTA DICA: encantamento do mundo ou coisa do povo. Goiânia; CEGRAF/UFG, 1991.p. 05-07.*

[...] Vive dentro de mim/a mulher do povo.
 Bem proletária. Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,
 de casca-grossa, de chinelinha, e filharada.
 Vive dentro de mim/a mulher roceira.
 Enxerto da terra, meio casmurra.
 Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta.[...].

CORALINA, Cora. *Todas as Vidas, In: Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. – 20ª ed. – São Paulo: Global, 2001. p. 31-33.*


S*anta* Dica e Cora Coralina foram duas importantes mulheres que se destacaram, tanto na história quanto na literatura goiana e brasileira. Entendemos que a história regional tem fundamental importância na formação de nossos alunos. Conhecer suas origens e histórias locais ajuda a compreender a configuração política, social e cultural em que vivem hoje. E se destacamos, por várias vezes, a ausência das mulheres na História do Brasil ou Mundial, que dirá as mulheres importantes no contexto regional do Cerrado.

Começemos, então, por Benedita Cipriano Gomes, ou *santa* Dica (1905-1970). Como explicar a fama de Dica? Moça de origem humilde, que não só foi considerada *santa* por alguns como participou de importantes processos históricos de Goiás e do Brasil. Foi cooptada pelo coronel Chico de Sá para compor a Coluna Patriota ou Coluna Caiado, um agrupamento organizado para combater a Coluna Prestes; participou da Revolução Constitucionalista de 1932 e da tomada do poder em Goiás por Pedro Ludovico Teixeira.

Uma figura carismática, que reuniu em torno de si muitos adeptos, não só pelas práticas de *curandeirismo*, *profecias* e a suposta *santidade*, mas, principalmente, pelo carisma que emanava.

Com tudo isso, devido também às suas ideias, entre elas a de defesa da posse comunitária da terra e da abolição dos impostos, Dica fez vários desafetos. Descontentou a Igreja, através dos padres Redentoristas, o Estado e os grandes fazendeiros, - principais símbolos de poder da época. Sendo, então, considerada uma *bruxa*, *embusteira* e *charlatã*.

Para compreender a história de *santa* Dica, devemos contextualizá-la na história de Goiás, na década de 1920-1930, momento de extrema pobreza e opressão vivida por grande parte da população que vivia no estado de Goiás. Dica é vista como uma *busca de solução* pelos problemas sofridos e enfrentados pelos seus seguidores. Com todos esses fatores, sua




**Para
saber
mais:**

Como sugestão de leitura, indicamos o livro de Lauro de Vasconcellos, *Santa Dica encantamento do mundo ou coisa do povo*. Primeira dissertação escrita sobre ela e publicada pelo CEGRAF/ UFG, em 1991.

presença e de seus adeptos, é visto como uma ameaça ao sistema de poder (VASCONCELLOS, 1991, p. 116). *Santa Dica* morreu em 1970 e seu nome ainda hoje é sinônimo de desconhecimento, apesar de sua rica biografia ligada à história de Goiás.

Já Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas ou somente Cora Coralina (1889-1985) teve seu reconhecimento ainda em vida e tomou certa notoriedade no cenário nacional. Ela nasceu na cidade de Goiás, antiga capital do estado goiano. Desde seus 14 anos, já escrevia, mas, somente aos 76 anos de idade, publicou o seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

O seu reconhecimento nacional ainda foi mais tardio, ele ocorreu somente em 1980, já com seus 90 anos de idade. Quando Carlos Drummond de Andrade escreveu



**Para
saber
mais:**

Como sugestão de leitura sobre Cora Coralina, indicamos o livro *Cora Coragem Cora Poesia*, de sua filha Vicência Bretas Tahan, publicado pela Global Editora, 2002.

uma crônica sobre ela e publicou no Jornal do Brasil (FERREIRA e NEVES, 2016).

Mulher simples, que, apesar de não ter completado os seus estudos, escreveu com uma sabedoria imensa os seus poemas e crônicas, sendo considerada uma das maiores poetisas brasileiras em uma época em que ser escritora “era arriscar a própria integridade, aquelas que ousassem a escrever eram vistas como vadias e ociosas (...)” (FERREIRA e NEVES, 2016, p. 03).

Cora Coralina não foi só uma grande poetisa e cronista, ela foi esposa, mãe, doceira, profissão na qual passou a se dedicar, após a viuvez, e, principalmente, ela, como mulher, conseguiu romper com alguns padrões da época em que vivia. Com seu jeito simples de escrever, ela produziu uma obra riquíssima, que fala do cotidiano, dos problemas, dos sabores da culinária do campo, dos lugares, dos becos. Mas, ainda hoje, no país, pouco se conhece da rica história de vida dessa poetisa.

Tanto Cora Coralina como *santa* Dica deixam para nós, professores, uma tarefa importantíssima: destacar a existência de mulheres fortes, de liderança no cenário regional e de conflitos agrários.



Dica

Professores, debatam com seus alunos o período em que, tanto *santa Dica* quanto Cora Coralina viveram. Destaque a *condição social* das mulheres naquele momento histórico e dê preferência para as discussões sobre a importância de se ter mulheres como elas, que, de certa forma, romperam com os padrões exigidos pela sociedade.

1. Vamos trabalhar?

Tá ligado?

Cora Coralina (1889 - 1985) nos deixou uma infinidade de textos, poesias e crônicas que retrataram a vida, principalmente, daquelas pessoas que estavam às margens da sociedade brasileira e goiana no início do século XX. Para o trabalho com fonte histórica escrita, sugerimos o poema *Todas as vidas*, da autora, que traz um coro de vozes femininas, mulheres que estavam à mercê da sociedade patriarcal e machista da época.

TODAS AS VIDAS

*Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau olhado,
 acocorada ao pé do borralho,
 olhando para o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, ferreiro.
 Ogã, pai-de-santo...*

*Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso*

*d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-
 caetano.*

*Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Quitute bem feito.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.*

Bem cacheada de picumã.

Pedra pontuda.

Cumbuco de coco.

Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim

a mulher do povo.

Bem proletária.

Bem linguaruda,

desabusada, sem preconceitos,

de casca-grossa,

de chinelinha,

e filharada.

Vive dentro de mim

a mulher roceira.

- Enxerto da terra,

meio casmurra.

Trabalhadeira.

Madrugadeira.

Analfabeta.

De pé no chão.

Bem parideira.

Bem criadeira.

Seus doze filhos.

Seus vinte netos.

Vive dentro de mim


a mulher da vida.

Minha irmãzinha...

*tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.*

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. – 20ª ed. – São Paulo: Global, 2001.
p. 31-33.



**Para
saber
mais:**

Para o trabalho com poesias, indicamos o texto *Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula*, de Eliseu Ferreira da Silva e Wellington Gomes de Jesus.
Disponível em:
<http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.21-34.pdf>.

Acesso em: 10 dez. 2016.

Explorando o texto:

I – Cora Coralina nos deixou uma vastidão de textos, e todos eles estão relacionados ao cotidiano e aos costumes. Isso porque, ao compor seus versos, ela se utilizava de elementos do seu dia a dia. O poema *Todas as vidas* pode suscitar diversas discussões, principalmente, dentro de um viés social, da exclusão *versus* inclusão. E, como sugestão, indicamos as seguintes questões para você, professor, desenvolver em sala de aula:

1- No poema *Todas as vidas*, Cora Coralina fala em muitas identidades femininas. Peça para que listem quais essas citadas no poema.

Além disso, proponha as seguintes discussões:

2- Qual a intenção da poetisa em citar todas essas mulheres? Ela está fazendo uma homenagem? Dando visibilidade? Se compadecendo pela dura vida que elas levam?

3- Pode-se afirmar que as mulheres citadas estão à *margem da sociedade*? Atualmente vemos mulheres que vivem à margem da sociedade? Exemplifique.

4- Em seu poema, Cora Coralina cita algumas profissões que eram praticadas exclusivamente por mulheres. Ainda existe essa divisão daquilo que é considerado trabalho feminino e masculino?

5- No final de seu poema, Cora Coralina escreve: *Todas as vidas dentro de mim:/ Na minha vida -/a vida mera das obscuras*. Qual a sua opinião sobre o referido trecho?

6- Inspirados em Cora Coralina, incentive-os a produzir um poema utilizando elementos de seu cotidiano, representando mulheres trabalhadoras que eles conhecem.

Os trabalhos poderão ser expostos num “Varal Literário”. Para isso, professores, trabalhem, conjuntamente, com seus colegas da área de Língua Portuguesa e Literatura.



Dica

A obra de Cora Coralina é vasta, podendo ser trabalhadas várias questões, do cotidiano à própria história de Goiás, o feminismo, costumes e tradições, culinária, etc. Aproveite o tema e peça para os alunos entrevistarem mulheres, hoje, com a facilidade da câmera digital ou celulares, eles podem fazer pequenos curta metragens com mulheres de vários setores e atividades que representem a mulher goiana. A partir dos vídeos produzidos, organize uma mostra cultural.


2. Em cena!

Como sugestão de recurso audiovisual, indicamos o filme (documentário) *Santa Dica do Sertão*, de Carlos del Pino. Desenvolvido por CPCE – Centro de Produção Cultural e Educativa da Universidade de Brasília, 1991.

Com menos de 40 minutos, o documentário conseguiu apresentar os principais momentos da vida de *santa* Dica. Líder do único movimento messiânico em Goiás, Dica conseguiu criar vários desafetos e, ao mesmo tempo, inspirar várias pessoas que buscavam uma solução para os seus problemas. A sua fama atravessou fronteiras e, ela, juntamente com seus seguidores, participou de alguns momentos importantes da História nesse período.

I – Para dar início às discussões sobre *santa* Dica, é importante que os alunos já tenham estudado sobre os movimentos messiânicos. O que os caracteriza, em que momentos eles aconteceram e, por que, quais ocorreram no Brasil no final do século XIX e começo do XX, que semelhanças e diferenças existiam entre eles. Além disso, deve-se, como foi dito, contextualizar a sua história no estado de Goiás. Para tanto é necessário que se façam discussões, anteriormente, sobre o período. Ou se preferirem, peçam a eles que façam uma pesquisa sobre o determinado período em Goiás e o relacionem com o Brasil da época.

I - Para a análise do documentário a ser feita em sala de aula com os alunos, indicamos as seguintes questões:



**Para
saber
mais**

1- No documentário aparecem alguns momentos considerados importantes do movimento de *santa Dica*. Apesar de ser classificado como um movimento messiânico, - o último a surgir no Brasil-, ele não é mencionado nos livros didáticos junto com outros como Contestado e Canudos. Instigue-os a questionarem o porquê isso acontece.

2- *Santa Dica* foi vista por uns como: *curandeira, conselheira e santa*. Já para outros, ela era: *embusteira, charlatã, que padecia de neurose histérica e certo exagero de personalidade*. Debata com seus alunos: por que essa visão, que as pessoas tinham de Dica, era tão *diferenciada*? Será que isso está relacionado à luta pelo poder, principalmente por aqueles que não consideravam Dica uma *santa*?

3- Além disso, incentive-os a analisar: as ideias de Dica relacionadas à posse coletiva da terra, que importância teve Dica nessa questão de disputa agrária? Por quê?

4- Aproveite esse debate e apresente as mulheres camponesas e sua luta dentro dos movimentos sociais que lutam pela terra.

O documentário citado na atividade pode ser acessado na internet nos seguintes endereços eletrônicos: *Santa Dica do Sertão*.

Parte:1:<https://www.youtube.com/watch?v=kLrwisuqFHE>.

Parte 2:
<https://www.youtube.com/watch?v=BovDVLGYc90>.

Acesso: 10 dez. 2016.

5- A reação do governo estadual em 1925, que envia soldados para prender Dica e alguns de seus seguidores, dentre eles, o seu pai e tio, - momento esse que ficou conhecido pelos moradores de Lagolândia como *Dia do Fogo*, pode ser relacionado com a reação que o governo federal teve com o movimento messiânico de Canudos? Peça para que justifiquem a sua resposta.

6- Discuta a seguinte expressão: Na passagem da Coluna Prestes pelo estado de Goiás, na década de 1920, Dica foi cooptada pelo coronel Chico de Sá (em depoimento ela afirma que recebeu como *presente* uma soma de quinhentos mil réis) a compor a Coluna Patriota ou Coluna Caiado. Em sua opinião, a sua *imagem* foi *usada* pelo governo da época para demonstrar poder político? Já que ela, através da força que tinha, representava as pessoas mais pobres e os despossuídos?

3. Mãos a obra!

Sabemos que não foi só *santa* Dica e Cora Coralina que, como mulheres, *fizeram* a história de Goiás. Para tanto, como proposta de atividade final, sugerimos uma **Feira Interdisciplinar** que destaque as **Mulheres Goianas**.

Como é um trabalho que deve ser realizado por várias disciplinas, o desafio maior é que vocês, professores, consigam o apoio de outras áreas do conhecimento para que essa feira seja realizada.



Dica

Como dica sugerimos que as mulheres apresentadas na feira sejam também mulheres atuais que continuam desempenhando o seu papel na sociedade e não só aquelas que já morreram.

As pesquisas, para a realização do evento, podem ocorrer em várias áreas como: mulheres na educação; empresárias; poetas; trabalhadoras urbanas e rurais; cientistas; políticas, dentre elas: prefeitas, vereadoras, deputadas; mulheres que fazem parte de Ongs; ou seja, as mulheres que participam ou participaram ativamente da sociedade nesse estado.

Como a proposta é de uma feira, deverá ser marcada uma data para a realização das apresentações que poderão ser variadas desde: murais, poemas, teatros, músicas, entrevistas realizadas com essas mulheres; exposição em *stands*; etc.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Márcia Melo. MORAES, André Cezar. Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da consciência social. *Letrônica*. Porto Alegre.

V.3. n.1, p.345-354, julho de 2010. Disponível em:

www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.ph

[p/letronica/article/download/6974/5742](http://letronica/article/download/6974/5742).

Acesso em: 10 dez. 2016.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. – 20ª ed. – São Paulo: Global, 2001. p. 31-33.

FERREIRA, Jailma da Costa. NEVES, Ana Lúcia Maria de Souza. *Cores, cheiros e sabores: a mulher em Cora Coralina*. CINTEDI- Congresso Internacional de Educação e Inclusão – Práticas Pedagógicas: Direitos Humanos e Interculturalidade. Abril-2016. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_03_11_2014_1_5_34_25_idinscrito_422_f320ab807634af6a2cb16b742bad1901.pdf. Acesso em: 10 dez. 2016.

GOMES FILHO, Robson. *O movimento messiânico de “santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)*.

Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, 2012. Disponível em: www.repositorio.ufop.br > ... > PPGHis - Mestrado (Dissertações). Acesso em: 10 dez. 2016.

PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. *Cora Coralina: a mulher poeta e suas múltiplas vozes*. Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília – UNB, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8266?mode=full>. Acesso em: 10 dez. 2016.

PINHEIRO, Suely Reis. O mundo cromático e polifônico na obra de Cora Coralina. *Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil* – Vol. X nº 39 - outubro – diciembre de 2009. Disponível em: www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf. Acesso em: 10 dez. 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos temas nas aulas de História*. – 2.ed.- São Paulo, SP. Contexto, 2013.

SANTA DICA DO SERTÃO. (1991) direção Carlos del Pino, Brasil, Centro de Produção Cultural e Educativa da Universidade de Brasília.

SILVA, Eliseu Ferreira da. JESUS, Wellington Gomes de. Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula. *Revista Graduando*, n.2. jan./jun.2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.21-34.pdf>. Acesso em: 10 dez.2016.

SILVA, Jeane das Graças Araújo. *Santa Dica ou Reduto dos Anjos: uma visão psico-social*. Dissertação (mestrado) Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005. Disponível em: [http://goo.glesafe.com/?q=SILVA,%20Jeane%20das%20Gra%C3%A7as%20Ara%C3%BAjo.%20Santa%20Dica%20ou%20Reduto%20dos%20Anjos:%20uma%20vis%C3%A3o%20psicosocial.%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(mestrado\)%20Goi%C3%A2nia:%20Universidade%20Cat%C3%B3lica%20de%20Goi%C3%A1s,%202005](http://goo.glesafe.com/?q=SILVA,%20Jeane%20das%20Gra%C3%A7as%20Ara%C3%BAjo.%20Santa%20Dica%20ou%20Reduto%20dos%20Anjos:%20uma%20vis%C3%A3o%20psicosocial.%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20(mestrado)%20Goi%C3%A2nia:%20Universidade%20Cat%C3%B3lica%20de%20Goi%C3%A1s,%202005).

[20dos%20Anjos:%20uma%20vis%C3%A3o%20psicosocial.%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(mestrado\)%20Goi%C3%A2nia:%20Universidade%20Cat%C3%B3lica%20de%20Goi%C3%A1s,%202005](http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.21-34.pdf). Acesso em: 10 dez. 2016.

TAHAN, Vicência Brêtas. *Cora Coragem, Cora Poesia*. – 4ª ed. – São Paulo: Global, 2002.

VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia; CEGRAF/ UFG, 1991.

XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: A família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro:Record: Rosa dos Tempos, 1998.

Links das imagens:

Figura 1: Gustave Caillebotte. Homme Et femme sous un parapluie (O homem, a mulher e o guarda-chuva) https://reproarte.com/images/stories/virtuemart/product/caillebotte_gustave/0479-0020_hombre_y_mujer_bajo_un_paraguas.jpg. Acesso em: 30 nov. 2016.

Figura 2: Diego Velázquez. "As fiandeiras" ou A fábula de Aracné, 1657 óleo sobre tela Barroco 222,5 cm × 293 cm Museu do Prado (Madrid). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vel%C3%A1zquez_-_La_F%C3%A1bula_de_Aracne_o_Las_Hilanderas_\(Museo_del_Prado,_1657-58\).jpg?uselang=pt-br](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vel%C3%A1zquez_-_La_F%C3%A1bula_de_Aracne_o_Las_Hilanderas_(Museo_del_Prado,_1657-58).jpg?uselang=pt-br) . Acesso em: 30 nov. 2016.

Figura 3: Sofonisba Anguissola (1555) óleo sobre tela, 72 x 97 centímetros (28,3 × 38,2 in) Museu Nacional, Poznan, Polônia. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/MKj3ISI7F0o/UHyck7M4l1I/AAAAAAAAABXA/JhQ6v8Dw2qY/s1600/sfonisba.jpeg>. Acesso em: 30 nov. 2106.

Figura 4: Eugéne Delacroix , A Liberdade Guiando o Povo . http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a7/Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg . Acesso em 01 dez. 2016.

Figura 5: As mulheres combatendo com os homens na Revolução Francesa. http://www.rhbn.com.br/uploads/docs/images/images/1%20imagem%20MG_6176.jpg. Acesso em 02 dez. 2016.

Figura 6: Mulheres na passeata dos 100 mil, Rio de Janeiro, 1968. <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=&url=http%3A%2F%2Fwww.unicamp.br%2Funicamp%2Fju%2F554%2Fmulheres-que-desbravaram-caminhos&psig=AFQjCNF8NRQE9vLSXEBHt1V4tVYFNcDxuw&ust=1475428297289380>. Acesso em 01 out. 2016.

